

Auxiliaridade verbal: uma análise dos núcleos funcionais *ir* e *ter* no Português brasileiro

Núbia Ferreira Rech

Submetido em 28 de agosto de 2012.

Aceito para publicação em 14 de abril de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 46, junho de 2013. p. 65-89.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Sexta-feira, 14 de junho de 2013
23:59:59

AUXILIARIDADE VERBAL: UMA ANÁLISE DOS NÚCLEOS FUNCIONAIS *IR* E *TER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Núbia Ferreira Rech¹

RESUMO: Este artigo analisa construções com os verbos ‘*ir*’ e ‘*ter*’ seguidos de complemento VP/infinitivo e particípio, respectivamente, em relação aos cinco critérios de verificação do grau de gramaticalidade adotados por Longo e Campos (2002): (i) inseparabilidade; (ii) irreversibilidade; (iii) esvaziamento semântico; (iv) recursividade e (v) perda de características sintáticas. Paralelamente a esses critérios, investigou-se a (in)compatibilidade desses verbos com a natureza aspectual do seu complemento, empregando-se a classificação adotada por Vendler (1967). Os principais objetivos deste trabalho foram: investigar se esses verbos constituem auxiliares, se são compatíveis com diferentes classes aspectuais e, por fim, depreender as noções aspecto-temporais que veiculam. Os resultados apontaram na direção de que tais verbos constituem, de fato, auxiliares, sendo compatíveis com todas as classes vendlerianas.

PALAVRAS-CHAVE: auxiliaridade verbal; núcleos funcionais; gramaticalização.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é investigar o fenômeno da auxiliaridade verbal em construções temporais do português brasileiro (PB). Para a consecução deste objetivo, adotaram-se os critérios de gramaticalidade sistematizados por Longo e Campos (2002, p. 445-477): (i) inseparabilidade, (ii) irreversibilidade, (iii) esvaziamento semântico, (iv) recursividade e (v) perda de características sintáticas. Paralelamente a esta análise, foram investigadas as restrições de seleção ao aspecto do predicado do seu complemento, empregando-se a classificação adotada por Vendler (1967).

Os objetivos deste artigo são investigar se *ir* e *ter* seguidos de complemento VP/infinitivo e particípio, respectivamente, constituem verbos auxiliares e se são compatíveis com predicados de diferentes classes aspectuais (*aktionsarten*). Pretende-se também depreender as noções aspecto-temporais veiculadas por tais verbos. As principais hipóteses em relação a esses verbos são que não oferecem restrições ao seu complemento; ocorrem com sujeitos de expressões idiomáticas; são suscetíveis ao fenômeno da transparência de voz e resistentes à apassivação. Para a investigação dessas hipóteses, os verbos *ir* e *ter* foram examinados em relação ao seu ordenamento sintático, quando

¹ Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul (*Campus* Chapecó). E-mail: nubia@uffs.edu.br

coocorrem com outros predicados funcionais na sequência verbal; às restrições de seleção semântica, categorial e aspectual; à ocorrência em expressões idiomáticas e aos fenômenos de transparência de voz e apassivação.

Em PB, *ir* é empregado como verbo lexical e como auxiliar. Como verbo lexical, seleciona uma *small clause* (mini-orção) para a posição de complemento e indica locomoção; como verbo funcional, não seleciona argumentos e indica futuridade. Castilho (1997, p. 46) observa que, no processo de gramaticalização, o verbo *ir* auxiliar preserva a ideia de movimento para frente presente no verbo *ir* lexical, mas esse movimento acontece através do tempo, e não mais do espaço, como ocorre com *ir* lexical. No processo de gramaticalização desse verbo, verificam-se, portanto, mudanças nas restrições de seleção categorial e semântica. O verbo *ir*, quando empregado como auxiliar, perde a propriedade de selecionar argumento, passando a subcategorizar um complemento de natureza verbal [VP/infinitivo], e sofre alterações no seu conteúdo semântico, adquirindo uma noção de movimento no tempo, indicando futuridade. Essa noção está, possivelmente, relacionada à ideia de movimento expressa pelo verbo *ir* lexical, cuja direção do movimento é para frente: *Ele vai ao curso de inglês*. Esse emprego contrasta com o do verbo *vir*, que igualmente indica movimento, mas este ocorre, necessariamente, a partir de um ponto no passado, podendo estender-se até o momento da fala: *Ele vem de longos dias de febre*.

É importante notar, ainda, que o processo de gramaticalização verificado no PB, em que o verbo lexical que indica locomoção passa a auxiliar, parece ocorrer também em outras línguas românicas, como mostram os exemplos do francês e do espanhol, respectivamente:

- (1) a. Marie va au Japon.
Maria vai ao Japão.
“Maria vai ao Japão.”
- b. Marie va manger une pizza au centre ville.
Maria vai comer uma pizza no centro.
“Maria vai comer pizza no centro.”
- (2) a. María va a ir a Japón.
Maria vai a ir a Japão.
“Maria irá ao Japão.”
- b. María va a comer pizza en el centro.
Maria vai a comer pizza no centro.
“Maria vai comer pizza no centro.”

Os exemplos (1) e (2) apontam para uma certa regularidade nesse processo nas línguas românicas, ratificando a hipótese de que a noção de futuridade expressa pelo auxiliar parte da ideia de locomoção, ambas com uma noção abstrata de movimento – no tempo e no espaço, respectivamente, como propõe Castilho (1997).

A evidência maior de que o verbo *ir* auxiliar está em processo avançado de gramaticalização é que as perífrases com esse verbo comutam com formas simples de

futuro, mantendo equivalência semântica, conforme mostram as sentenças do exemplo (3) a seguir:

- (3) a. O Pedro não *vai reformar* a casa.
b. O Pedro não *reformulará* a casa.

A correlação entre o par de sentenças (3a) e (3b) revela que o verbo *ir* auxiliar corresponde ao morfema de futuro simples. Em PB, *ir* auxiliar parece formar uma unidade, não apenas semântica e sintática, mas também morfológica, com seu complemento, como indica a equivalência entre as sentenças em (3). O evento descrito por uma sentença com o auxiliar *ir* num tempo verbal qualquer indica futuro em relação ao tempo em que se localizaria se o morfema acrescido a esse verbo fosse adjungido à base do predicado lexical: *Pedro foi reformar a casa* vs *Pedro reformou a casa*; *Pedro tinha ido reformar a casa* vs *Pedro tinha reformado a casa*. Neste artigo, associamos o termo futuramente a essa noção temporal expressa por *ir*.

Em relação ao verbo *ter*, Ilari (1997) apresenta alguns critérios para seu reconhecimento como auxiliar temporal: (i) o fato de as perífrases com *ter* mais particípio passado comutarem com formas simples do verbo; (ii) o fato de não haver correspondência de sentido entre o verbo *ter* usado como principal e como auxiliar; (iii) o fato de *ter* e a base verbal indicarem uma única ação, atribuída a um único sujeito. Segundo Ilari, estes são critérios suficientes para se postular a existência de um verbo *ter* auxiliar e de um verbo *ter* transitivo, ambos ativos no português brasileiro. Para este autor, a classificação de *ter* como um auxiliar de tempo é determinada pela influência sistemática que exerce na interpretação temporal das sentenças: “O fato descrito por uma sentença com o auxiliar *ter* num tempo verbal qualquer aparece como passado em relação ao tempo em que se localizaria, se aquele morfema de tempo fosse aplicado à base verbal” (ILARI, 1997, p. 29).

O verbo *ter* com complemento participial é apresentado na literatura linguística como um verbo auxiliar permanente no português brasileiro, manifestando todas as propriedades características da classe (PONTES, 1973; LOBATO, 1975; CÂMARA JR., 1991; FERREIRA, 2009; LUNGUINHO, 2011). As línguas românicas em geral apresentam um comportamento semelhante em relação a construções com complemento no particípio. Gonçalves (1999) exhibe exemplos do português europeu (PE), do francês, do castelhano, do catalão e do italiano, em que o alicamento do clítico é obrigatório nessas construções. Os exemplos de (4) a (8), a seguir, foram transcritos da autora (Gonçalves, 1999, p. 55):

PE:

- (4) a. A Maria não tinha lido o livro.
b. A Maria não o tinha lido.
c. *A Maria não tinha lido-o.

Francês:

- (5) a. Marie a lu le livre.
b. Marie l'a lu.
c. *Marie a le lu.

Castelhano:

- (6) a. Maria ha leído el libro.
b. Maria lo ha leído.
c. *Maria ha lo leído.

Catalão:

- (7) a. La Maria ha comprat la casa.
b. La Maria la ha comprat.
c. *La Maria ha comprat-la.

Italiano:

- (8) a. Maria ha letto il libro.
b. Maria lo ha letto.
c. *Maria ha lettolo.

Nessas construções, o alçamento do clítico² para o domínio matriz é uma condição *sine qua non* para a boa formação da sentença, evidenciando que construções com complemento no particípio sempre formam predicados complexos nas línguas românicas. Essa generalização é, provavelmente, consequência das propriedades do verbo *ter*, que o seleciona. Nos exemplos em (4b), (5b), (6b), (7b) e (8b), ocorre o alçamento do clítico argumento do verbo encaixado para o domínio matriz, revelando a formação de predicado complexo. Nos exemplos em (c), o clítico permanece adjunto ao verbo do qual é argumento, provocando a agramaticalidade das sentenças. A exigência de alçamento do clítico manifestada nos exemplos (b) e (c) indica a presença de um único domínio funcional em sentenças com o verbo *ter* seguido de uma forma participial. Nesse contexto, a formação de um predicado complexo não parece ser um processo opcional nas línguas românicas.

2. PROPRIEDADES DE UM AUXILIAR

Antes de abordar os critérios para a classificação de um auxiliar, apresento a hipótese inacusativa, considerando que os auxiliares constituem uma subclasse dos inacusativos, restringindo-se, em uma primeira instância, aos grupos que selecionam VP/infinitivo, gerúndio ou particípio como seu complemento.

A hipótese inacusativa foi formulada por Perlmutter (1978) e adaptada por Burzio (1986) ao modelo de Princípios e Parâmetros (P&P). Ela foi inspirada nas línguas ergativas, que apresentam construções em que o sujeito de alguns verbos intransitivos das línguas nominativas se alinha morfológicamente ao objeto de verbos

2 O alçamento do clítico é apontado na literatura linguística como o principal diagnóstico da Reestruturação nas línguas românicas (RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; GONÇALVES, 1999; CINQUE, 2006). Nos estudos sobre esse processo, constatou-se que a presença de um verbo de Reestruturação no domínio matriz possibilita o alçamento do clítico argumento interno do verbo encaixado para esse domínio. Com a aplicação da regra de Reestruturação, o verbo encaixado se torna transparente para esse movimento, que revela a ausência de barreira entre os dois verbos e, portanto, a formação de um único domínio funcional.

transitivos, sendo empregado o mesmo caso morfológico para as duas funções sintáticas. Essa hipótese postula que a classe de verbos intransitivos consiste de duas subclasses: a dos verbos inacusativos e a dos verbos inergativos, cada uma delas associada a uma configuração sintática distinta. Um verbo inacusativo se caracteriza por selecionar apenas argumento interno, não projetando a posição do argumento externo. Os verbos inergativos, por outro lado, selecionam argumento externo, mas não argumento interno. A configuração sintática associada aos membros dessas classes poderia ser representada conforme (9):

- (9) a. inacusativos: _____ [VP [V' V DP]]
b. inergativos: _____ [VP DP [V' V]]

A estrutura sintática representada em (9a) apresenta os inacusativos como um grupo de verbos que seleciona apenas argumento interno. Os verbos inergativos, por sua vez, selecionam apenas o argumento externo, como mostra a representação em (9b).

Com base em Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2004), estendo a noção de inacusatividade a todos os verbos que não selecionam argumento externo e que selecionam um complemento. Assim, serão concebidos como inacusativos os verbos que subcategorizam, além de DP, uma *small clause* (SC), um CP, um VP/infinitivo, gerúndio ou particípio ativo ou passivo. O que os distingue são as propriedades de subcategorização. Apesar de os complementos poderem ser de diversas categorias, eles constituem domínios idênticos, de onde DPs desprovidos de caso podem/devem ser movidos para (a posição A de) Spec/IP.

A inacusatividade é uma propriedade necessária a todo verbo auxiliar. Os verbos de controle, por selecionarem argumento externo, estão, portanto, excluídos da classe dos auxiliares. Em consequência, o complemento dos auxiliares não pode ser encabeçado por um PRO. Como são verbos de alçamento, seu complemento deve conter um vestígio.

Porém, nem todo verbo de alçamento é auxiliar. Um verbo de alçamento que parece não ser auxiliar é *parecer*, que não passa no teste tradicional da “sentença desenvolvida”:

- (10) a. Maria parece estar feliz.
b. Parece que Maria está feliz.

(10b) mostra que o complemento de *parecer* pode ser um CP pleno. Um auxiliar tem que ser um verbo que, pelo menos, deve estar em processo de gramaticalização, isto é, tem que ser um verbo com alguma propriedade funcional. Essa exigência exclui os inacusativos lexicais da classe dos auxiliares. Se concebermos que existe uma “escala de auxiliabilidade”, podemos dizer que ela abrange os verbos que em uma ponta são os mais e na outra ponta os menos gramaticalizados.

A gramaticalização consiste em um processo pelo qual um elemento lexical se transforma em um elemento gramatical. Para a verificação do grau de gramaticalização dos auxiliares, adotei os critérios apresentados por Longo e Campos (2002): (i)

inseparabilidade: a ocorrência de itens entre os verbos da sequência revela que o grau de fusão entre estes é baixo; (ii) *irreversibilidade*: se forem constatadas anteposição ou mudança de ordem, o grau de gramaticalização é mais baixo; (iii) *esvaziamento semântico*: quanto menos restrições um auxiliar impõe ao seu complemento e ao sujeito da sentença, maior o seu grau de gramaticalização; (iv) *recursividade*: a incidência sobre uma base idêntica revela que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor puramente gramatical; e (v) *perda de características sintáticas*: a não seleção de argumentos revela a perda de propriedades lexicais. Em relação à última propriedade, cabe ressaltar que, independentemente do grau de gramaticalização, nenhum auxiliar seleciona propriamente argumentos, do que se deduz que eles são incapazes de atribuir papel temático. O que eles fazem, como os demais núcleos funcionais, é subcategorizar complementos. Portanto, dos complementos subcategorizados pelos auxiliares estão excluídos os DPs e os CPs (mesmo os CPs infinitivos encabeçados por um PRO), sintagmas que funcionam prototipicamente como argumentos. Assim, os inacusativos exemplificados em (11) não são auxiliares:

- (11) a. A encomenda chegou.
b. Parece que Maria cantou.

Este apontamento permite entender o teste tradicional de auxiliariade que diagnostica como auxiliar o verbo que não pode ter seu complemento infinitivo desenvolvido em um CP encabeçado pelo complementizador *que*, como exemplificado em (12):

- (12) a. *João deve que Maria venha.
b. João quer que Maria venha.

O verbo *dever* reage ao teste da sentença desenvolvida enquanto o verbo *querer* (e *parecer*, ver (10b)) não reage.

Apesar de serem incapazes de atribuir papel temático, os auxiliares podem impor restrições de peso variável sobre seu complemento. Assim, por exemplo, o aspectual *começar* não combina com um complemento encabeçado por *estar*, em (13a); e o auxiliar indicador de futuriade *ir* pode ser seguido pelo de anterioridade *ter*, em (13b), mas não o inverso em (13c).

- (13) a. *Maria começou a estar doente.
b. Maria vai ter cantado quando a noiva entrar.
c. *Maria tem ido cantar quando a noiva entrar.

A má-formação de sentenças com a sequência *ter* > *ir*, como em (13c), se restringe aos contextos em que *ir* é empregado como predicado funcional. Nos contextos em que *ir* estiver sendo empregado como predicado lexical, significando locomoção, essa sequência é possível, como em *Maria tem ido cantar todas as noites*. A possibilidade de inserir, nesta sentença, uma expressão indicativa de lugar deixa mais claro este emprego: *Maria tem ido no Bongô cantar todas as noites*. Enfim, quanto mais

gramaticalizado se apresenta um auxiliar, menos restrições ele impõe ao seu complemento. Por isso, o auxiliar indicador de futuridade *ir* parece estar em um estágio avançado de gramaticalização, admitindo, inclusive, o auxiliar *ter* em sua posição de complemento, como em (13b).

De acordo com Lunguinho (2009; 2011), os auxiliares têm um traço [V] que precisa ser checado contra um traço compatível do seu complemento. A classe dos auxiliares deve ser constituída, portanto, por verbos que selecionam VP/infinitivo, gerúndio ou particípio, formando uma sequência verbal na estrutura de superfície. Para que possa checar seu traço [V], o auxiliar não pode ser o único verbo da predicação nem o último da sequência. Se for o único ou o último verbo da predicação, seu complemento não vai apresentar o traço [V]. Esse fato permite excluir da classe dos auxiliares os verbos que selecionam argumentos (DPs e CPs) e os copulativos.

É importante notar, ainda, que o infinitivo que aparece na posição de complemento de um verbo auxiliar é um VP. O infinitivo é uma categoria que precisa ser marcada com caso; o VP, não. Considerando que o complemento de um auxiliar ocorre em um ambiente inacusativo, podemos supor que a categoria requerida para esta posição é, de fato, um VP.

O objeto de estudo deste artigo é, especificamente, *ir* com complemento VP/infinitivo e *ter* com complemento VP/particípio. Na seção 3, mostro como esses verbos se comportam em relação aos critérios de gramaticalidade presentes em Longo e Campos (2002). Na seção 4, investigo a (in)compatibilidade dos verbos *ir* e *ter* com a natureza aspectual do seu complemento, empregando a classificação adotada por Vendler (1967) com a subdivisão da classe dos estativos, proposta por Bertinetto (1991). Longo e Campos incluíram a análise de restrições semânticas e categoriais na sua abordagem, mas não a de restrições aspectuais. A minha hipótese é que esses verbos, por expressarem ideia de futuridade (*ir*) e de passado (*ter*) formem sequência apenas com predicados com aspecto compatível com suas noções aspecto-temporais.

3. CRITÉRIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E SUA MANIFESTAÇÃO NOS VERBOS FUNCIONAIS *IR* E *TER*

Nesta seção, analiso construções com os verbos *ir* e *ter* seguidos de complemento VP/infinitivo e particípio, respectivamente, em relação aos cinco critérios de verificação do grau de gramaticalização sistematizados por Longo e Campos (2002). Para averiguar se esses verbos manifestam o critério da inseparabilidade (i), conforme denominação das autoras, investigo a (im)possibilidade de inserção de constituintes entre os verbos da sentença matriz e encaixada. Para a verificação do critério irreversibilidade (ii), investigo as possibilidades de alternância na ordem dos núcleos funcionais quando coocorrem em sequências verbais. O critério de esvaziamento semântico (iii) será investigado a partir da análise das restrições de seleção categoriais e semânticas dos temporais *ir* e *ter*. O critério da recursividade (iv) será testado pela repetição do mesmo item lexical na construção. Por fim, o critério da perda de características sintáticas (v), que consiste na perda das propriedades lexicais, é considerado, nesta análise, condição para um verbo integrar a classe dos auxiliares, pois nenhum auxiliar pode, em princípio, selecionar argumentos (ver seção 2).

3.1 Critério da Inseparabilidade

Em um processo de formação de predicado complexo, é esperado que os verbos apresentem um grau de coesão estrutural que impeça a inserção de um constituinte entre eles. Por essa razão, a (im)possibilidade de romper a adjacência verbal foi investigada por Rizzi (1982), Gonçalves (2001), Cinque (2006), dentre outros autores, como um fator relacionado ao processo de formação de predicado complexo, indicando se os verbos matriz e encaixado ocupam o mesmo núcleo funcional, ou se constituem núcleos funcionais autônomos. A impossibilidade de inserções de constituintes entre os verbos da sequência permite identificá-la como uma unidade sintática. A possibilidade dessas inserções não atestaria, necessariamente, contra a formação de predicado complexo, mas sim contra a proposta de que o verbo matriz forma um constituinte com o verbo encaixado³. O exemplo a seguir mostra a inserção de um constituinte entre os verbos da sequência em construções com *ir* e *ter*, respectivamente:

- (14) a. Os alunos vão *este ano* projetar dois carros.
b. Os professores têm *frequentemente/inclusive* recomendado esses livros.

As sentenças em (14) revelam que as construções formadas a partir dos predicados funcionais *ir* e *ter* admitem um constituinte entre estes e o seu complemento. É importante ainda observar que há uma diferença entre os advérbios e os elementos focalizadores quanto às relações de escopo que estabelecem nessa posição. Expressões adverbiais como *frequentemente* ou *sempre* remetem ao complexo verbal; já os elementos focalizadores como *inclusive* e *até (mesmo)* têm escopo somente sobre o verbo encaixado. As continuações propostas para a sentença (14b) mostram essa diferença:

- (15) a. [...], mas não (têm os recomendado) sempre.
b. [...], e não (têm) apenas comprado (esses livros).

Em (15a) e (15b), são apresentadas possíveis continuações para a sentença (14b), em que a sequência verbal é rompida por um advérbio e por um elemento focalizador, respectivamente. Em (15a), é negado o advérbio *sempre*, que tem escopo sobre o complexo verbal (*ter recomendado*). Já o termo *inclusive*, em (14b), tem escopo apenas sobre o verbo encaixado (*recomendar*), como sugere a sequência proposta em (15b), em que o verbo matriz (*ter*) pode ser omitido. Os focalizadores têm escopo somente sobre o constituinte focalizado, exercendo a função de adjunto desse termo. A possibilidade de os itens lexicais inseridos terem escopo apenas sobre um dos verbos da sequência constitui mais uma evidência a favor de que os verbos da sequência não formam um

3 Conforme Rizzi (1982, p. 6-13), com a aplicação da regra de Reestruturação, o verbo encaixado deixa de ser um constituinte com seu complemento para unir-se ao verbo matriz, como atestam os testes de constituição aplicados pelo autor (movimento-wh, formação de estruturas clivadas, elevação do nó à direita e deslocamento do NP pesado ou complexo para a direita). Já Cinque (2006, p. 13-16) defende a tese de que o verbo encaixado continua formando um constituinte com seu complemento em sentenças reestruturadas. De acordo com essa proposta, seria possível inserir itens lexicais entre os verbos de um predicado complexo, pois eles não formariam um constituinte.

único constituinte; logo, os verbos funcionais *ir* e *ter* devem ser marcados negativamente para este critério de gramaticalização.

3.2 Critério da Irreversibilidade

Em relação ao critério da irreversibilidade, Longo e Campos (2002, p. 472) afirmam que “se forem constatadas anteposições ou mudança de ordem, o grau de gramaticalização é mais baixo”. Os vários núcleos funcionais da sentença estão rigidamente ordenados, conforme Cinque (2006). Em análises do italiano, este autor constatou que a ordem relativa dos predicados funcionais não se altera, por estes serem predicados inseridos diretamente em um núcleo funcional correspondente. Se essa afirmação for, de fato, verdadeira para as línguas românicas em geral, como propõe o autor, é esperado que, em contextos de formação de predicado complexo, os verbos funcionais sigam um ordenamento rígido também no PB. A hierarquia de núcleos funcionais⁴ proposta por Cinque (2006, p. 12; 93) está transcrita a seguir:

(16)

MoodPspeech act > MoodPevaluative > MoodPevidential > Modepistemic > TP(Past) > TP(Future) > MoodPirrealis > ModPaethic > Asp habitual > Aspfinally > Aspdispositional > Aspcompetitive(I) > Asp frequentative (I) > Modvolitional > Aspcelerative (I) > TP (Anterior) > Aspterminative > Asp continuative > Asp perfect > Asp retrospective > Asp proximate > Asp durative > Asp generic/progressive > Asp prospective > Asp inceptive > ModPobligation > ModPability > Aspfrustrative/success > ModPpermission > Aspconative > Aspcompletive(I) > VoiceP > Asp celerative (II) > Asp inceptive (II) > Aspcompletive (II) > Aspcompetitive (II) > Asp frequentative(II)...

Uma consequência direta do ordenamento dos predicados funcionais exibidos acima é que, sendo inseridos em um núcleo funcional, os verbos não deveriam atribuir papel temático; não teriam, portanto, nenhum argumento próprio. Segundo Cinque (2006), esta é a razão pela qual verbos de controle do objeto não podem formar predicados complexos.

Em relação ao critério da irreversibilidade, é esperado que os verbos *ir* e *ter* não permitam alternância na ordem quando coocorrem com outros núcleos funcionais em uma sentença, revelando um estágio avançado de gramaticalização. Na hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque, esses verbos correspondem aos núcleos TP_(Futuro) e TP_(Passado), os quais ocupam as primeiras posições da hierarquia. Por isso, é esperado que esses verbos ocupem as primeiras posições também nas sequências verbais, admitindo na posição de seu complemento qualquer um dos verbos correspondentes aos núcleos que os seguem na hierarquia. Os exemplos a seguir constituem evidências do português em favor da existência de uma hierarquia de núcleos funcionais, uma vez que a ordem entre os verbos da sequência parece ser rígida:

4 A proposta deste autor não requer que todas as línguas românicas tenham um verbo para representar cada núcleo funcional previsto na hierarquia, e sim que, tendo representantes para alguns núcleos, estes sigam a ordem universal em relação aos outros núcleos existentes naquela língua.

- (17) a. Ele tem parado de fumar.
 (TP_{Passado}) (Asp_{IntERRUPTIVO})
 b. *Ele parou de ter fumado.
- (18) a. Maria vai ter acabado o trabalho quando João chegar.
 (TP_{Futuro}) (TP_{Passado})
 b. *Maria tem ido acabar o trabalho quando João chegar⁵.
- (19) a. Pedro vai estar sabendo logaritmo para a prova.
 (TP_{Futuro}) (Asp_{Progressivo})
 b. *Pedro está indo saber logaritmo para a prova⁶.

O contraste de gramaticalidade entre as sentenças dos exemplos de (17) a (19) sinaliza na direção de que a hierarquia de núcleos proposta por Cinque é seguida pelos núcleos funcionais *ir* e *ter* no PB, pois permite supor que há uma única ordem possível para esses verbos quando coocorrem com outros núcleos funcionais em uma sentença. Entretanto, a ordem do PB parece diferir da proposta por Cinque em relação aos núcleos TP_{Passado} e TP_{Futuro}. Na hierarquia transcrita em (16), o núcleo TP_{Passado} antecede o núcleo TP_{Futuro}; no PB, essa ordem é inversa, conforme se depreende do contraste de gramaticalidade entre as sentenças em (18) (ver também nota 4). É importante notar, contudo, que, tanto na hierarquia proposta para as línguas românicas por Cinque (2006), quanto na encontrada no PB, os núcleos TP_{Futuro} e TP_{Passado} estão justapostos e ocupam as primeiras posições na hierarquia e, por consequência, as primeiras posições nas sequências verbais, o que constitui um indicador de alto grau de gramaticalização, pois admitem, na posição de complemento, todos os núcleos funcionais que os seguem na hierarquia. Isso indica que quase não oferecem restrições ao seu complemento, comportamento esperado para um verbo auxiliar. Um núcleo funcional só oferecerá restrições aos núcleos que o antecedem. De acordo com as sentenças dos exemplos de (17) a (19), no PB, a ordem dos núcleos correspondentes aos verbos funcionais empregados parece ser a seguinte: (TP_{Futuro}) > (TP_{Passado}) > ... > (Asp_{Progressivo}) > ... > (Asp_{IntERRUPTIVO}).

Por fim, é importante ressaltar que o critério da *irreversibilidade* já havia sido apresentado por Pontes (1973) como uma das propriedades dos verbos auxiliares. A autora apresenta a posição fixa na sequência verbal como uma regra sintática. Essa regra é adotada também por Luft (1991) e por Perini (2000), cujas abordagens para a análise do fenômeno da auxiliaridade verbal são igualmente sintáticas. A novidade da proposta de Cinque (2006) em relação à desses autores está em depreender uma generalização no

5 Cabe observar que sentenças como *Maria tem ido visitar a irmã frequentemente* são possíveis no PB. Entretanto, neste caso, o *ir* está sendo empregado como verbo lexical. A possibilidade de inserção de um advérbio como *lá* entre *ir* e o predicado no infinitivo torna mais clara essa interpretação: *Maria tem ido lá visitar sua mãe*.

6 A sentença (19b) é claramente agramatical. Entretanto, a sentença *Pedro está indo viajar na semana que vem*, em que também ocorre a sequência (Asp_{Progressivo}) > (TP_{Futuro}), é bem formada. Cabe observar que essa estrutura resiste a inserção de um advérbio como *lá* entre os verbos (**Maria está indo lá viajar na semana que vem*). Este parece ser um caso de *ir* com emprego funcional. De qualquer forma, considero difícil depreender, com exatidão, o emprego de *ir* como predicado funcional ou lexical nesses contextos. Opto por deixar essa discussão para um futuro trabalho.

ordenamento dos núcleos funcionais, apresentando uma hierarquia comum desses núcleos para as línguas românicas [ver exemplo (16)]. Para Cinque (2006), esta rege o ordenamento dos núcleos funcionais quando coocorrem em uma sequência verbal.

3.3 Critério do Esvaziamento Semântico

O verbo *ir* pode ser empregado tanto como verbo lexical quanto como funcional. Como verbo lexical, seleciona uma *small clause* para a posição de complemento e indica locomoção; como funcional, subcategoriza um VP/infinitivo e expressa a noção de futuridade, conforme o exemplo a seguir:

(20) Carlos vai [_{InfP} trabalhar].

Na sentença (20), o DP *Carlos* é argumento externo do verbo encaixado (*trabalhar*); *ir* não seleciona argumentos, apenas subcategoriza VP, do que se depreende que ele é incapaz de atribuir papel temático. Um verbo que perdeu suas propriedades lexicais, como *ir* com complemento infinitivo, deveria formar sequência com verbos de diferentes classes e, conseqüentemente, figurar em sentenças com quaisquer sujeitos, até expletivos. Essas propriedades revelam um esvaziamento de sentido lexical, que é indício de gramaticalização e, por isso, marca de auxiliaridade. É importante notar que um verbo auxiliar, ou em processo de gramaticalização, não é vazio de conteúdo semântico, uma vez que expressa noções de tempo, modo ou aspecto. O que ocorre é a perda ou esvaziamento de seu conteúdo lexical. No caso de *ir*, no processo de gramaticalização, há uma preservação da noção de movimento, mas uma mudança do plano espacial para o temporal. Por isso, talvez seja mais adequado identificar esse critério como *esvaziamento de sentido lexical* ou *perda das propriedades lexicais*. Para investigar esse critério, apresento a seguir sentenças em que o verbo *ir*, correspondente ao núcleo funcional TP_{Futuro}, forma sequência com verbos transitivos, inacusativos e impessoais, respectivamente:

- (21) a. Marta vai comprar um apartamento no centro.
b. Esse refletor vai cair.
c. Vai chover à noite.
d. Vai ter/haver aula aos sábados.

A boa formação das sentenças (21a-d) mostra que *ir* se combina com verbos transitivos, como *comprar*; inacusativos, como *cair*; e impessoais, como *chover*, *ter* e *haver*. Por consequência, *ir* figura em sentenças com sujeitos agentes, como em (21a); inanimados, como em (21b); ou ainda expletivos, como em (21c-d). Esse resultado revela que *ir* não interfere nas restrições de seleção semântica, que são estabelecidas entre o verbo encaixado e o sujeito da sentença, revelando esvaziamento de significado lexical.

O verbo *ter* também admite emprego lexical e funcional. *Ter* pode ser empregado como verbo existencial, selecionando apenas argumento interno; como transitivo, selecionando argumento externo e interno, e como auxiliar modal ou

temporal, não selecionando nenhum argumento. Neste artigo, investigo apenas o verbo *ter* correspondente ao núcleo funcional TP_{Passado}. Este não seleciona argumentos, do que se depreende que ele não impõe restrições de seleção semântica ao seu complemento nem ao sujeito da sentença, como se verifica nos exemplos a seguir:

- (22) a. Maria tem estudado matemática.
b. O solo tem rachado.
c. Tem nevado em algumas regiões.
d. Tem havido protestos na reitoria.
- (23) a. O copo caiu.
b. O copo tinha caído.
c. *O copo tinha saído.
d. O menino tinha saído.

As sentenças do exemplo (22) mostram que o verbo *ter* forma sequência com verbos transitivos, como *estudar* em (22a); inacusativos, como *rachar* em (22b); e impessoais, como *nevar* e *haver* em (22c-d), não oferecendo restrições ao seu complemento. Por consequência, figura em sentenças com qualquer tipo de sujeito, visto que este é argumento do verbo encaixado. A boa formação das sentenças (23a), (23b) e (23d) em contraste com a agramaticalidade da sentença (23c) constitui outra evidência de que as relações semânticas são estabelecidas entre o sujeito da sentença e o verbo encaixado. Ambos os exemplos sinalizam, portanto, o esvaziamento de conteúdo lexical do verbo *ter* nessas construções.

A possibilidade de ocorrer com sujeito de expressões idiomáticas também manifesta propriedades de um verbo auxiliar, uma vez que requer esvaziamento de conteúdo lexical. O exemplo a seguir ilustra como os núcleos funcionais *ir* e *ter* se comportam nessas construções:

- (24) a. A esperança é sempre a última que morre.
b. A esperança vai ser sempre a última a morrer.
- (25) a. O bicho pegou no escritório.
b. O bicho tem pegado no escritório.

O sentido idiomático de (24a) e de (25a) é mantido em (24b) e (25b), em que foram acrescentados às expressões os verbos *ir* e *ter*. Esse dado revela que esses verbos não afetam a idiomaticidade dessas expressões, revelando ausência de conteúdo lexical, o que se espera de um auxiliar, que deve estar em processo avançado de gramaticalização.

3.4 Critério da Recursividade

Para Longo e Campos (2002, p. 472):

O fato de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica é indício de que os falantes não sentem o verbo auxiliar e a base como sinônimos, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical [...] a recursividade evidenciaria alto grau de gramaticalização. (LONGO; CAMPOS, 2002, p. 472).

Adoto este critério como mais um indicador de gramaticalização dos predicados funcionais. As sentenças a seguir ilustram casos em que os verbos *ir* e *ter* ocupam a posição tanto de auxiliar como de verbo principal:

- (26) a. Não vou ir à faculdade hoje.
b. Pedro tem tido sorte com os processos.

É importante notar que a formação de predicado complexo com o verbo *ir* na posição de auxiliar e de principal, em (26a), não é tão recorrente quanto a que ocorre com o verbo *ter*, em (26b), e com outros verbos, como *haver* e *vir*. Embora menos frequente, a repetição do verbo *ir* em uma sentença não é incomum. Vejamos sua ocorrência em versos de Vinícios: “*Podem preparar/Milhões de festas ao luar/Que eu não vou ir/Melhor nem pedir/Que eu não vou ir, não quero ir*” (*Você e Eu*), em que *ir* é empregado como auxiliar e como verbo principal. Nessas construções, os verbos só têm seu significado pleno quando ocupam a posição de verbo principal. A primeira ocorrência do verbo *ir*, tanto na sentença (26a) quanto nos versos de Vinícios de Moraes, exprime uma ideia de futuridade; apenas na segunda ocorrência esse verbo expressa seu significado lexical, que é o de locomoção. Na sentença (26b), se verifica comportamento semelhante na sequência com o verbo *ter*. Este, quando ocorre na primeira posição da sequência verbal, assume, na combinação com uma forma no particípio, noções gramaticais de tempo (anterioridade) e de aspecto (iterativo); a segunda ocorrência, por sua vez, expressa noção associada à experiência, um de seus possíveis significados quando empregado como verbo transitivo. Os demais verbos que admitem dupla ocorrência na sentença revelam igualmente diferença de significado. O verbo *haver* em “Há de haver outro meio de resolver isso!” exprime, na primeira ocorrência, *desejo* e, na segunda ocorrência, ideia de *existência*; o verbo *vir* em “Ele vinha vindo para cá quando lhe telefonaram do escritório” também expressa noções diferentes. Na primeira ocorrência, como auxiliar, indica noções ligadas a tempo e aspecto; na segunda ocorrência, indica deslocamento.

3.5 Critério da Perda de Características Sintáticas

O critério da perda de características sintáticas está relacionado a propriedades lexicais de seleção de argumentos. Um verbo funcional não seleciona argumentos,

independentemente do estágio de gramaticalização em que este se encontre. Por isso, é esperado que os verbos funcionais *ir* e *ter* admitam o fenômeno da transparência de voz e não sejam suscetíveis à passivação.

O fenômeno denominado transparência de voz (HORNSTEIN, 2003) revela efeitos de transparência no verbo matriz, permitindo movimento do domínio encaixado para o domínio matriz. Os exemplos a seguir ilustram esse fenômeno com os verbos *ir* e *ter*, respectivamente:

- (27) a. Maria vai finalizar este projeto.
b. Este projeto vai ser finalizado por Maria.
- (28) a. Os alunos têm criado projetos sociais.
b. Projetos sociais têm sido criados pelos alunos.

A gramaticalidade das sentenças (27b) e (28b) manifesta a possibilidade de passivação do verbo encaixado, mantendo a correspondência de sentido com as sentenças (27a) e (28a), respectivamente. Nas construções em (27b) e (28b), ocorre o alçamento do argumento interno do verbo encaixado para a posição de sujeito da sentença, revelando que os verbos funcionais *ir* e *ter* não selecionam argumentos, deixando livre a posição de sujeito, que é preenchida por um argumento do verbo encaixado: *este projeto*, em (27), e *projetos sociais*, em (28).

Os verbos auxiliares devem resistir à passivação por não selecionarem argumentos. Os exemplos a seguir mostram como *ir* e *ter* funcionais reagem a esse fenômeno:

- (29) a. Pedro vai organizar o arquivo.
b. *O arquivo será ido organizar por Pedro.
- (30) a. Joana tem feito algumas traduções.
b. *Algumas traduções foram tidas feitas por Joana.

A má-formação das sentenças (29b) e (30b) evidencia a impossibilidade de passivar os verbos *ir* e *ter*, respectivamente, ratificando a hipótese de que esses verbos projetam uma estrutura de alçamento, e não de controle. É importante notar que, embora haja verbos lexicais que projetem uma estrutura de alçamento – como alguns inacusativos –, não há verbos auxiliares que projetem uma estrutura de controle. Nessa perspectiva, as evidências de uma estrutura de alçamento constituem fatores determinantes na classificação de um verbo como auxiliar.

4. COMBINAÇÃO DOS NÚCLEOS FUNCIONAIS *IR* (TP_{FUTURO}) E *TER* (TP_{PASSADO}) COM AS CLASSES VENDLERIANAS

Nesta seção, investigo como os verbos *ir* e *ter* reagem ao aspecto do seu complemento. Para essa análise, adoto a divisão de classes acionais que está posta em Vendler (1967): atividade, estado, *accomplishment* e *achievement*. Esse autor diferencia

os predicados de classes acionais com base em fatores que remetem a traços binários [+/-durativo], [+/-téllico] e [+/-dinâmico]⁷.

Os predicados de atividade são definidos como processos agentivos que se desenvolvem no tempo. Estes constituem respostas adequadas a uma pergunta como *O que x faz?* (VENDLER, 1967, p. 22). Já os predicados de estado são definidos como não-agentivos. Estes, diferentemente dos predicados de atividade, não se desenvolvem no tempo, ou seja, não se consistem de sucessivas fases. Eles expressam qualidade e não representam uma resposta adequada a perguntas como *O que x faz?* A seguir, ilustro sentenças com predicados de atividade e de estado, respectivamente:

- (31) a. João joga vôlei.
b. Mariana é alta.

(31a) é um predicado de atividade. *Jogar vôlei* constitui um processo que se desenvolve no tempo, é agentivo e consiste em uma resposta adequada à pergunta *O que João faz?* Atividades são também predicados homogêneos. No caso de (31a), se *João jogar vôlei por dois minutos* ou *por três horas*, em ambos os casos, *João terá jogado vôlei*, pois, por este predicado ser homogêneo, todas as suas partes têm a mesma natureza que o todo. (31b) é um predicado de estado. Por isso, não indica um processo que se desenvolve no tempo, não é agentivo nem constitui uma resposta adequada à pergunta *O que Mariana faz?* Com base nessas propriedades, é possível descrever os predicados de atividade como [+durativos] e [+dinâmicos]; e os de estado como [+durativos] e [-dinâmicos].

Vendler diferencia os predicados de atividade dos *accomplishments* por apenas estes últimos apresentarem um ponto de culminação. Este autor cita como exemplos de atividade *running* (correr) e *pushing a cart* (empurrar um carrinho). Em relação a esses predicados, Vendler observa que, se alguém estiver *correndo* ou *empurrando um carrinho* em determinado momento, se ele parar no momento seguinte, ainda será verdade que *ele correu* ou *empurrou um carrinho*⁸, diferenciando-se, assim, dos *accomplishments*, em (32):

- (32) a. Pedro desenhou um círculo.
b. Mariana correu uma milha.

Em relação aos predicados em (32), é possível afirmar que, se alguém interromper o processo de *desenhar um círculo* ou *correr uma milha*, não será verdade que *terá desenhado um círculo* ou *corrido uma milha*. A diferença entre esses predicados e os de atividade pode ser expressa, portanto, pelo traço [téllico]: predicados de *accomplishment* são [+durativos], [+dinâmicos] e [+téllicos], enquanto os de atividade são [+durativos], [+dinâmicos] e [-téllicos].

7 Essa descrição por traços aparece em Smith (1997); Bertinetto (1991; 2001); Basso; Ilari (2004); dentre outros.

8 If it is true that someone is running or pushing a cart now, then even if he stops in the next moment it will be still true that he did run or did push a cart. On the other hand, even if it is true that someone is drawing a circle or is running a mile now, if he stops in the next moment it may not be true that he did draw a circle or did run a mile (VENDLER, 1969, p. 22).

A última classe acional apresentada por Vendler é a dos *achievements*. Estes se comportam como os *accomplishments*, diferenciando-se apenas por não se desenvolverem no tempo. As sentenças em (33) exibem esses predicados:

- (33) a. Vettel venceu a corrida em Mônaco.
b. As crianças estouraram o balão surpresa.

Vencer a corrida e estourar o balão são eventos que ocorrem em um momento único, são instantâneos, pontuais; não permitem, portanto, a captura de um ponto de sua estrutura interna. Estes diferem dos *accomplishments* apenas pelo traço [durativo].

Por fim, as classes vendlerianas podem ser descritas da seguinte forma: (i) os predicados de atividade são [+durativos], [+dinâmicos] e [-têlicos]; (ii) os de estado são [+durativos], [-dinâmicos] e [-têlicos]; (iii) os de *accomplishments* são [+durativos], [+dinâmicos] e [+têlicos]; e (iv) os de *achievements* são [-durativos], [+dinâmicos] e [+têlicos].

Para a investigação de como os predicados funcionais *ir* e *ter* reagem ao aspecto do seu complemento, adotarei ainda a proposta de subdivisão da classe dos estativos, formulada por Bertinetto (1991) para a língua italiana e estendida ao português por Basso e Ilari (2004). A reorganização dessa classe tem por base a manifestação dos traços [mudança] e [controle] nos predicados. O critério utilizado por esses autores para a investigação do traço [mudança] é a combinação dos estativos com a perífrase progressiva. Os estativos que permitem o uso da perífrase progressiva são marcados com o traço [+mudança]; aqueles que não permitem seu uso são marcados com o traço [-mudança]. Para a investigação do traço [controle], é analisada sua compatibilidade com a forma imperativa do verbo. Os estativos que admitem a forma do imperativo são marcados com o traço [+controle]; os que não admitem são marcados [-controle]. Segundo Bertinetto (1991), a classe dos estativos não é homogênea, sendo constituída por predicados mais ou menos estativos. Observemos as sentenças a seguir:

- (34) a. Carlos ama Maria.
a'. Carlos está amando Maria.
b. Porto Alegre localiza-se na região sul do Brasil.
b'. *Porto Alegre está se localizando na região sul do Brasil.
- (35) a. Pedro é esforçado.
a'. Seja esforçado.
b. Joana sabe matemática.
b'. *Saiba matemática.

O predicado da sentença (34a) admite a forma progressiva, como se depreende da boa formação de (34a'). Já o predicado da sentença (34b) não permite o uso da perífrase progressiva, conforme (34b'). As sentenças em (35) permitem observar o comportamento de predicados estativos em relação à forma imperativa. O predicado em (35a) admite a flexão no imperativo, conforme (35a'). O predicado em (35b), por sua vez, não admite essa flexão, conforme revela a má-formação de (35b').

Bertinetto classifica os verbos marcados com os traços [-mudança] e [-controle] como tipicamente estativos. Estes são incompatíveis com a perífrase progressiva e com o imperativo. O autor denomina como verbos não-tipicamente estativos aqueles marcados com os traços [+mudança] e [-controle] ou [-mudança] e [+controle]. Estes permitem somente o uso da perífrase progressiva ou a flexão no imperativo, mas não ambos. Os verbos marcados com os traços [+mudança] e [+controle] são classificados como verbos de ação. Essa descrição por traços é adotada como parâmetro para esta análise. Nas subseções a seguir, é mostrado o comportamento dos verbos funcionais *ir* e *ter*, respectivamente, em relação às restrições ao aspecto expresso no seu complemento.

4.1 *Ir*

Conforme se constatou nas seções anteriores, no PB, há evidências para a postulação de um verbo *ir* auxiliar, o qual subcategoriza um complemento no infinitivo. Esse verbo apresenta rigidez na ordem quando forma sequência com outros verbos funcionais em uma sentença (ver seção 3.2), não impõe restrições de natureza categorial ou semântica ao seu complemento (ver seção 3.3) e pode incidir sobre uma base idêntica (ver seção 3.4). Em relação às propriedades semânticas, o verbo *ir* de emprego lexical seleciona argumento, indicando locomoção; já o verbo *ir* auxiliar não seleciona argumentos, apenas subcategoriza um complemento infinitivo, expressando noção de futuridade.

O exemplo (36) mostra como o verbo funcional *ir* reage aos predicados de atividade, estado, *accomplishment* e *achievement*, respectivamente:

- (36) a. A Júlia vai trabalhar na prefeitura. (atividade)
b. *O Carlos vai ser neto do João⁹. (estado)
b'. Pedro vai ter febre à noite. (estado)
c. Maria vai correr a São Silvestre. (*accomplishment*)
d. O aniversariante vai estourar o balão surpresa. (*achievement*)

As sentenças do exemplo (36) mostram que *ir* forma sequência com predicados de atividade, como em (36a), com predicados de *accomplishment*, como em (36c), e com predicados de *achievement*, como em (36d). O contraste de gramaticalidade entre as sentenças (36b) e (36b') sugere que *ir* oferece restrições a predicados tipicamente estativos, marcados com os traços [-mudança] e [-controle], como *ser neto de...*, em (36b). É importante notar que não haveria mudança no julgamento de gramaticalidade das sentenças do exemplo (36) se as perífrases com o auxiliar *ir* fossem substituídas pela forma simples de futuro, conforme se verifica em (37):

9 A sentença (36b) é malformada por o predicado *ser neto de* assumir uma interpretação tipicamente estativa neste exemplo. Se a esta sentença for acrescida a expressão *na próxima novela das oito*, por exemplo, o predicado *ser neto de* incorpora o traço [+mudança], considerando a transitoriedade dos papéis artísticos, que são exercidos por tempo determinado – entre 3 e 4 meses. Neste caso, a presença do adjunto altera o aspecto do predicado, que passa a combinar-se com o verbo *ir* auxiliar de futuridade. A boa formação da sentença *O Carlos vai ser neto de João na próxima novela das oito* ratifica, portanto, a restrição de *ir* auxiliar a predicados tipicamente estativos.

- (37) a. A Júlia trabalhará na prefeitura. (atividade)
 b. *O Carlos será neto do João. (estado)
 b'. Pedro terá febre à noite. (estado)
 c. Maria correrá a São Silvestre. (*accomplishment*)
 d. O aniversariante estourará o balão surpresa. (*achievement*)

Esse resultado sugere que qualquer combinação (ou restrição) de *ir* auxiliar com o aspecto do verbo do seu complemento é determinada pela noção de futuridade que *ir* expressa, presente também no morfema temporal dos verbos em (37), e não por suas propriedades de verbo auxiliar.

As sentenças (36b) e (36b') sugerem que *ir* auxiliar de futuridade oferece restrições apenas a uma subclasse dos estativos: aqueles marcados com o traço [-mudança]. Para investigar melhor essa hipótese, vejamos outras sentenças em que *ir* auxiliar forma sequência com predicados tipicamente estativos [-mudança] e não tipicamente estativos [+mudança], respectivamente, nos exemplos (38) e (39) a seguir:

- (38) a. *O Pampa vai ser uma região montanhosa.
 b. *A noiva do Pedro vai ter olhos azuis.
 c. *Siena vai se localizar na região de Toscana.
 d. *Minha origem vai ser austríaca.
- (39) a. Pedro vai ter dor de cabeça.
 b. A Maria vai me amar um dia.
 c. Meu irmão vai ter seu próprio apartamento.
 d. A Joana vai morar na praia.

A má-formação das sentenças em (38) corrobora a hipótese de que o verbo *ir* indicador de futuridade oferece restrições a predicados tipicamente estativos, como *ser uma região montanhosa*, *ter olhos azuis*, *localizar-se na região da Toscana* e *ser de origem austríaca*. As sentenças do exemplo (39) são todas bem formadas, evidenciando que o verbo *ir* auxiliar se combina com predicados estativos marcados com o traço [+mudança], como *ter dor de cabeça*, *amar Maria*, *ter seu próprio apartamento* e *morar na praia*. É importante observar, entretanto, que esse verbo forma sequência com alguns predicados tipicamente estativos como *ser alto* e *ser cirurgião*, como mostram as sentenças do exemplo (40):

- (40) a. Pedro vai ser alto.
 b. Carlos vai ser cirurgião plástico.

De acordo com Basso e Ilari (2004, p. 5), predicados [-mudança] como *ser alto*, em (40a), assumem uma interpretação télica, se caracterizando como predicados que comportam um fim ou uma meta. Essa perspectiva de análise não está em desacordo com a hipótese de o verbo auxiliar *ir* se combinar apenas com predicados marcados com o traço [+mudança], pois *ir* forma sequência com o predicado *ser alto* quando este descreve o processo de crescimento ainda em curso. Na sentença *Pedro vai ser alto*, pode-se admitir a interpretação de que *Pedro já é alto*, mas pode ficar/ficará ainda mais

alto, modificando-se até o predicado *ser alto* atingir seu ponto final. O predicado *ser cirurgião plástico*, em (40b), também constitui um predicado télico. A sentença (40b) remete a um contexto em que Carlos está cursando medicina, especializando-se em cirurgia plástica. Quando Carlos completar sua formação, ou seja, quando este predicado atingir seu ponto final, é esperado que não forme mais sequência com *ir* auxiliar. Logo, a sentença (40b) não será empregada em um contexto no qual Carlos já tenha concluído sua formação como cirurgião plástico.

4.2 *Ter*

Nesta seção, que se propõe a investigar a (in)compatibilidade de *ter* seguido de participípio com as classes vendlerianas, optei por restringir a análise ao tempo Passado Perfeito Composto (PPC). Minha hipótese é que a noção tempo-aspectual formada a partir da flexão do auxiliar tem reflexos na combinação deste com as diferentes classes vendlerianas. Suponho, ainda, que os testes realizados com o tempo PPC possam ser estendidos para os outros casos da perífrase *ter* seguido de participípio, como em *Pedro já tinha chegado quando eu saí* ou *Pedro já terá chegado quando eu sair*. Este é, entretanto, um aspecto a ser investigado. A partir deste ponto, abordarei apenas o tempo PPC. Por consequência, as conclusões referentes à combinação do núcleo funcional *ter* com as classes vendlerianas será apenas em relação a esse tempo.

O verbo *ter* empregado na formação do tempo PPC pode expressar no PB ideia de continuidade ou de iteração, conforme ilustram, respectivamente, as sentenças dos exemplos (41) e (42) a seguir:

- (41) a. Joana tem morado na praia.
b. Pedro tem amado apenas sua filha legítima.
- (42) a. Eu tenho estudado alemão.
b. Carlos tem me enviado e-mails.

Em ambos os empregos, esse tempo faz menção a um período que inicia no passado, se estende até o momento da fala e, provavelmente, o ultrapasse. A diferença está na continuidade ou na interrupção do evento. As sentenças em (41) descrevem eventos que iniciam no passado e se estendem até o momento da fala, não sendo interrompidos; as sentenças em (42), por sua vez, descrevem um mesmo evento ocorrido repetidas vezes a partir de um momento localizado no passado, expressando iteração. Essa interpretação é corroborada pela (im)possibilidade de combinação desses eventos com advérbios de frequência:

- (43) a. *Joana tem morado na praia *semanalmente* desde seu divórcio.
b. *Pedro tem amado apenas sua filha legítima *periodicamente* depois de saber da traição da esposa.
- (44) a. Eu tenho estudado alemão *diariamente* desde o início das aulas.
b. Carlos tem me enviado e-mails *semanalmente* desde o início do ano.

O tempo PPC exprimindo continuidade oferece restrições a advérbios de frequência, como se depreende da má-formação das sentenças (43a) e (43b). Quando expressa iteração, entretanto, o PPC se combina com esses advérbios, como se verifica na boa formação das sentenças em (44). Ilari (2001, p. 139-140) observa, entretanto, que PPC iterativo reage a advérbios quando estes indicam o tempo exato ou o número de vezes que um evento ocorre. As sentenças dos exemplos (45) e (46) ilustram essa restrição:

- (45) a. *Eu tenho estudado alemão *esta manhã*.
 b. *Eu tenho estudado alemão *três vezes*.
- (46) a. *Carlos tem me enviado e-mails *neste momento*.
 b. *Carlos tem me enviado e-mails *vinte vezes*.

A má-formação das sentenças (45a) e (46a) resulta do emprego do advérbio *esta manhã* e da expressão adverbial *neste momento*, respectivamente, que determinam o tempo exato de ocorrência dos eventos *estudar alemão* e *enviar e-mails*. A má-formação das sentenças (45b) e (46b) resulta do emprego das expressões adverbiais *três vezes*, em (45b), e *vinte vezes*, em (46b), que determinam o número de vezes que ocorreram os eventos *estudar alemão* e *enviar e-mails*. Esses dados nos permitem supor que o tempo PPC é compatível apenas com advérbios que representam intervalos abertos, como em “Eu tenho estudado alemão *desde o início das aulas*”; ou, então, que marcam um intervalo que contém o tempo da enunciação, como em “Eu tenho estudado alemão *três vezes na semana*”.

As sentenças do exemplo (47) mostram as possibilidades de combinação do verbo *ter* indicador de PPC com as classes aspectuais vendlerianas:

- (47) a. Joana tem fugido de suas responsabilidades. (atividade)
 a'. Os novos estagiários têm trabalhado bem. (atividade)
 b. Ana tem estado doente. (estado)
 b'. *Milão tem se localizado na Itália. (estado)
 c. Os alunos têm separado o lixo. (*accomplishment*)
 c'. As funcionárias do turno da manhã têm limpado o auditório. (*accomplishment*)
 d. O Carlos tem chegado atrasado. (*achievement*)
 d'. Os policiais têm atirado nos assaltantes em ruas movimentadas. (*achievement*)

O exemplo (47) revela que o PPC exprime iteração quando se combina com predicados de atividade, como em (47a) e (47a'), com predicados de *accomplishment*, como em (47c) e (47c'), e com predicados de *achievement*, como em (47d) e (47d'). Eventualmente, o PPC exprime um valor de continuidade. Isso ocorre quando esse tempo se combina com alguns predicados não tipicamente estativos, marcados com os traços [+mudança] e [-controle], como *estar doente*, em (47b). A má-formação de (47b') sugere que o PPC não forma sequência com predicados tipicamente estativos, marcados com os traços [-mudança] e [-controle], como *localizar-se na Itália*. Esta restrição está, possivelmente, relacionada à sua noção temporal, uma vez que o PPC descreve eventos que iniciam em um determinado momento do passado e se reiteram ou se estendem até o

momento da fala, podendo prolongar-se, e os predicados tipicamente estativos se caracterizam por não permitirem a captura de seu ponto inicial nem sofrerem alteração no transcurso do tempo. Isso porque descrevem estados permanentes.

As sentenças do exemplo (47) permitem inferir que o tempo PPC seleciona o traço [+mudança], presente nos predicados de atividade, de *accomplishment*, de *achievement* e também nos predicados não tipicamente estativos. A restrição do PPC a predicados tipicamente estativos, evidenciada em (47b'), é corroborada pela má-formação das sentenças (48a-d):

- (48) a. *Pedro tem sabido álgebra.
 b. *Maria tem sido filha de Joana.
 c. *André tem sido alto.
 d. *A Vívian tem sido parecida com o pai.
- (49) a. O réu tem permanecido calado.
 b. Maria tem estado doente.
 c. Pedro tem tido dores de cabeça.
 d. João tem sido rude comigo.

A hipótese de que o tempo PPC seleciona apenas predicados [+mudança] parece se confirmar com o contraste de gramaticalidade entre as sentenças dos exemplos (48) e (49). Os eventos descritos nas sentenças em (49) recebem uma interpretação não plenamente estativa, pois exibem o traço [+dinâmico], presente em todas as classes aspectuais vendlerianas, exceto na dos predicados de estado, os únicos marcados com o traço [-dinâmico]. Esses exemplos revelam que o tempo PPC reage diferentemente à classe dos predicados estativos, sinalizando a relevância da subcategorização dessa classe em predicados tipicamente estativos e não tipicamente estativos.

Ao longo desta subseção, foi possível constatar que o tempo PPC se combina com predicados aspectuais marcados com o traço [+dinâmico], formando sequência com predicados de atividade, de *accomplishment*, de *achievement* e também com predicados não tipicamente estativos. A sua única restrição é a predicados tipicamente estativos, marcados com o traço [-mudança], o que os torna incompatível com a descrição temporal do PPC, que remete a um período com início em um determinado ponto do passado e duração até o momento da fala (MF), com tendência a prolongar-se. Essa descrição se aplica ao PPC tanto com valor de iteração, que se caracteriza pela sucessão de um mesmo acontecimento indefinidas vezes, conforme representação em (50a), quanto com valor de continuidade, que se caracteriza pela ocorrência de um único acontecimento, que se estende no tempo, conforme representação em (50b):

- (50) a.[.....].....[.....].....[.....].....[.....].....[.....].....[.....].....[.....].....[.....].....[.....]MF
 b.[.....]MF

A restrição do PPC a predicados tipicamente estativos resulta do fato de estes exprimirem uma noção tempo-aspectual incompatível com as descrições do PPC, representadas em (50a) e (50b).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da aplicação dos testes que nos permitem depreender o grau de gramaticalização de um verbo, verificou-se que os verbos *ir* e *ter* funcionais apresentam rigidez na ordem quando coocorrem com outros verbos funcionais em uma sentença (critério da *irreversibilidade*); formam sequência com verbos intransitivos, transitivos, inacusativos e impessoais, por consequência, figuram em sentenças com quaisquer sujeitos, até expletivos, manifestando ausência de conteúdo lexical (critério do *esvaziamento de conteúdo lexical*); podem recorrer sobre uma base idêntica, situação em que a primeira ocorrência será como verbo auxiliar e a segunda como verbo principal (critério da *recursividade*); admitem o fenômeno da transparência de voz, mas não são suscetíveis à apassivação, o que revela ausência de argumentos (critério da *perda de características sintáticas*). Esses verbos aceitam, entretanto, a inserção de um constituinte entre eles, não revelando o grau de coesão esperado no processo de formação de predicado complexo (critério da *inseparabilidade*). Em relação a este critério, é importante notar que línguas como o italiano e o PE também admitem essas inserções entre os verbos em contexto de formação de predicado complexo, conforme dados de Rizzi (1982, p. 38) para o italiano e de Gonçalves (2001, p. 4) para o PE¹⁰. Em vista disso, este critério não foi considerado determinante para a classificação de um verbo como auxiliar por esses autores.

Quanto à combinação com as classes vendlerianas, tanto *ir* auxiliar de futuridade quanto *ter* indicador do tempo PPC oferecem restrições apenas a predicados tipicamente estativos, marcados com o traço [-mudança]. A restrição de *ir* auxiliar a esses predicados, verificada nas sentenças dos exemplos (36b) e (38a-d), tem relação com a ideia de futuridade expressa por esse verbo. Esta rejeita, na posição de complemento, predicados [-mudança], por estes não permitirem a captura de seu ponto inicial por *ir*, uma vez que descrevem eventos que não sofrem mudança com o transcurso do tempo. O PPC também rejeita predicados [-mudança], por estes serem incompatíveis com as noções tempo-aspectuais que expressa. O PPC descreve um período que inicia em um ponto do passado e se estende até o momento da fala, podendo ou não se prolongar, e os predicados tipicamente estativos se caracterizam por não permitirem a captura de seu ponto inicial nem sua

10 Os exemplos em (i) e (ii) mostram a inserção de itens lexicais em sentenças em que houve a formação de predicado complexo no italiano e no PE, respectivamente:

- (i) a. Loverrò *subito* a scrivere.
'(Eu) virei logo a escrever-te'
b. Gli stessi errori si continuano *stupidamente* a commettere.
'Os mesmos erros se continuam estupidamente a cometer'
(RIZZI, 1982, p. 38)
- (ii) a. Todos o querem *só* cumprimentar (não lhe querem pedir um autógrafo)
b. Quando o vêem na rua, todos lhe querem *sempre* falar.
(GONÇALVES, 2001, p. 4)

As sentenças dos exemplos (i) e (ii) revelam que é possível inserir material léxico em construções com alçamento do clítico, que constitui evidência da formação de um único domínio funcional.

interrupção, descrevendo estados permanentes. Por fim, a restrição dos verbos auxiliares *ir* e *ter* a predicados tipicamente estativos parece resultar da incompatibilidade de suas noções temporais com o traço [-mudança], não tendo relação com critérios de auxiliaridade.

REFERÊNCIAS

BASSO, R. M; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, p. 15-26, 2004.

BERTINETTO, P. M. Il Sintagma Verbale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Eds.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1991. p. 13 – 161.

_____. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECHETTO, C. et al. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001.

BURZIO, L. *Italian syntax*. Dordrecht: Ed. Reidel, 1986.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 15 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Federal da Bahia*. n. 19, p. 25-64, 1997.

CINQUE, G. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Editora Oxford University Press, 2006, v. 4.

FERREIRA, N. S. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de Reestruturação*. 2009. 193f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GONÇALVES, A. *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

_____. Defectividade funcional e predicados complexos em estruturas de controlo do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.). *Razões e Emoção: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Lisboa: FLUL, 2001.

HORNSTEIN, N. On Control. In: R. Hendrick (Ed.). *Minimalist Syntax*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 6-81.

ILARI, R. *A Expressão do Tempo em Português*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Notas sobre o passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba. n. 55, p. 129-152, jan./jun. 2001.

LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. In: _____ et al. *Análises linguísticas*. Petropolis: Vozes, 1975.

LONGO, B; CAMPOS, O. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela (Orgs.). *Gramática do português falado. Volume VIII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 445-477.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 11 ed. São Paulo: Ed. Globo, 1991.

LUNGUINHO, M. V. S. *Verbos auxiliares e a teoria da gramática*. 2009. Relatório (Exame de qualificação para doutoramento) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. 2011. 215f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis. *Proc. of the 4th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. UC Berkeley, 1978, p. 157-189.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Editora Foris, 1982.

SMITH, C. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: _____. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

Recebido em 28/08/2012

Aceito em 14/04/2013

Versão revisada recebida em: 21/04/2013

Publicado em: 14/06/2013

VERBAL AUXILIARITY: AN ANALYSIS OF THE FUNCTIONAL HEADS *TO GO* AND *TO HAVE* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT: *This paper presents the analysis of constructions with the verbs ‘to go’ and ‘to have’ followed by VP complement/infinitive and participle, respectively, as far as the five criteria for the verification of the grammaticality degree, adopted by Longo and Campos (2002), are concerned: (i) inseparability; (ii) irreversibility; (iii) semantic bleaching; (iv) recursion and (v) loss of syntactic characteristics. Parallel to these criteria, the (in)compatibility of the temporal verbs ‘to go’ and ‘to have’ with the aspectual nature of their complement was investigated, using the classification adopted by Vendler (1967). The main objectives of this work were to investigate whether these verbs constitute auxiliaries, if they are compatible with verbs from different aspectual classes, and finally to infer the temporal-aspect notions that they carry. The results showed that “to go” and “to have” constitute auxiliaries, being compatible with all Vendlerian classes.*

KEYWORDS: *verbal auxiliary; functional heads; grammaticalization.*

